

SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 3



HOMENS E MONSTROS

PATRICK
NESS

SÉRIE MUNDO EM CAOS • VOL. 3

HOMENS E MONSTROS

PATRICK
NESS

Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright do texto © 2010 Patrick Ness

“Idiotique”, de Thomas Edward Yorke, Philip James Selway, Edward John O’Brien, Colin Charles Greenwood, Jonathan Richard Guy Greenwood e Paul Lansky © Warner/Chappell Music Ltd (PRS) e Warner/Chappell Music Publishing Ltd (PRS). Todos os direitos reservados.

Esta edição inclui o conto “Expianeve”, publicado originalmente em 2018.

TÍTULO ORIGINAL
Monsters of Men

PREPARAÇÃO
Carolina Vaz
Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE ILUSTRAÇÕES
Julio Moreira | Equatorium Design

ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES
© 2018 Walker Books Ltd.
Reproduzido com autorização de Walker Books Ltd,
Londres SE11 5HJ, www.walker.co.uk

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N379h
Ness, Patrick, 1971-
Homens e monstros / Patrick Ness ; tradução Edmundo Barreiros. - 1.
ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
560 p. ; 23 cm. (Mundo em caos ; 3)

Tradução de: Monsters of men
ISBN 978-65-5560-424-5

1. Ficção americana. I. Barreiros, Edmundo. II. Título. III. Série.

22-80484

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

NOTA DA EDITORA

A SÉRIE *MUNDO EM CAOS* é repleta de singularidades. Lançado originalmente no Reino Unido em 2008, o primeiro volume repercutiu em todo o mundo, sendo publicado em mais de trinta países. Patrick Ness se tornou referência não só para a literatura jovem, como também para escritores de fantasia e ficção científica.

O universo distópico de *Mundo em caos* é estruturado de forma bastante detalhada, criativa e coerente; nele, a linguagem marca o nível social e cultural dos personagens, além de ter papel fundamental na trama. Os leitores já tiveram esse gostinho nos volumes anteriores, e agora Todd, Viola, o Novo Mundo e os Ruídos estão de volta em uma última trama arrebatadora e imperdível.

Nesta edição de *Homens e monstros*, também optamos, em determinados momentos, pela linguagem coloquial a fim de respeitar o estilo do autor em sua língua de origem, o inglês. Ao longo de toda a história o leitor encontrará marcas de oralidade que não são mero acaso. Diversas ocorrências de colocação pronominal, ortografia e formas verbais, consideradas inadequadas pela gramática normativa da língua portuguesa, fazem parte de nossa tentativa de recriar o vasto universo de Patrick Ness.

Prepare-se para o desfecho impactante dessa jornada.

BOA LEITURA!

Para Denise Johnstone-Burt

Who's in the bunker?

Who's in the bunker?

Women and children first

And the children first

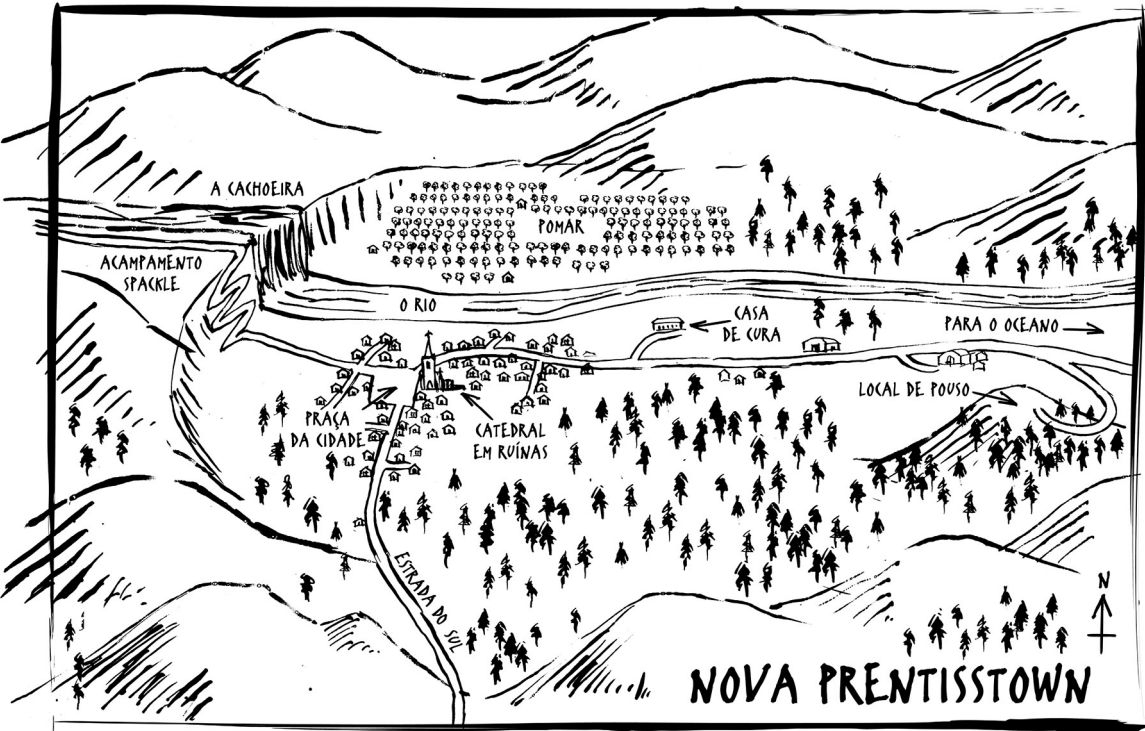
And the children

I laugh until my head comes off

I swallow 'til I burst

— Radiohead, “Idioteque”¹

¹ Quem está no bunker?/ Quem está no bunker?/ Mulheres e crianças primeiro/ E as crianças primeiro/ E as crianças/ Rio até perder a cabeça / Engulo até explodir (N.T.)



A CACHOEIRA

ACAMPAMENTO SPACKLE

O RIO

POMAR

CASA DE CURA

PARA O OCEANO

PRACA DA CIDADE

CATEDRAL EM RUINAS

LOCAL DE POUSO

ENTRADA DO SUL

NOVA PRENTISSTOWN



— GUERRA — o prefeito Prentiss diz com os olhos brilhando. — Finalmente.

— Cala a boca — digo. — Não tem nada de *finalmente*. A única pessoa que quer isso é *você*.

— Mesmo assim — ele diz, virando pra mim com um sorriso. — Ela está chegando.

E claro que eu já não sei se ter soltado ele pra lutar nessa batalha foi o pior erro da minha vida.

Mas não...

Não, isso vai fazer com que ela fique em segurança. Foi o que precisei fazer pra ela *ficar em segurança*.

E eu vou dar um jeito do prefeito manter ela em segurança, mesmo que tenha que matar ele.

E é por isso que estou com o prefeito nos escombros da catedral, debaixo do pôr do sol, olhando pro outro lado da praça da cidade, enquanto o exército dos Spackle segue seu caminho pela estrada em zigue-zague escavada no morro adiante, soprando a trombeta de batalha que solta um som capaz de te rasgar ao meio...

Enquanto o exército de mestra Coyle, a Resposta, entra na cidade atrás da gente, explodindo tudo pelo caminho. *Bum! Bum! BUM!*...

Enquanto os primeiros soldados do próprio exército do prefeito começam a chegar em formação rápida pelo sul, com o sr. Hammar à frente, e atravessam a praça na direção da gente pra receber novas ordens...

Enquanto as pessoas de Nova Prentisstown correm pra tudo quanto é lado pra se salvar...

Enquanto a nave batedora da nova leva de colonos pousa em uma colina perto de mestra Coyle, o pior lugar possível pra eles...

Enquanto Davy Prentiss está morto nos escombros sob nossos pés, baleado pelo próprio pai, baleado pelo homem que eu acabei de libertar...

E enquanto Viola...

Minha Viola...

... corre a cavalo bem pro meio de tudo isso, com os tornozelos quebrados, sem conseguir nem ficar em pé sozinha...

Sim, penso.

Está chegando.

O fim de tudo.

O fim de todas as coisas.

— Ah, sim, Todd — o prefeito diz, esfregando as mãos. — Exatamente.

E ele diz a palavra de novo, diz como se fosse seu maior sonho:

— *Guerra.*

A GUERRA
COMEÇA

DUAS BATALHAS

[TODD]

— *NÓS VAMOS ATACAR os Spackle de frente!* — o prefeito grita pros homens, apontando seu Ruído bem no meio da cabeça de todo mundo.

Até da minha.

— *Eles vão se reunir no pé da estrada* — ele diz. — *Mas não vão avançar!*

Encosto no flanco de Angharrad embaixo de mim. Em poucos minutos, depois que Morpeth e Angharrad chegaram correndo de trás das ruínas da catedral, o prefeito botou a gente nos cavalos, e quando já estava todo mundo montado, passando por cima dos corpos dos homens inconscientes que tinham tentado me ajudar a derrubar o prefeito, o exército começou a se reunir de forma confusa na nossa frente.

Mas nem todo o exército, talvez menos da metade. O resto ainda estava espalhado pela estrada do sul até o morro com a fenda no meio, a estrada onde a batalha devia acontecer.

Memino potro?, Angharrad pensa, e sinto a tensão no corpo inteiro dela. Ela tá quase morta de medo.

Eu também estou.

— *BATALHÕES EM FORMAÇÃO!* — o prefeito grita, e na mesma hora o sr. Hammar, junto do sr. Tate e do sr. O'Hare e do sr. Morgan que chegaram depois, fazem continências, e os soldados começam a se alinhar nas formações certas, passando uns pelos outros em movimentos sinuosos e entrando em ordem tão depressa que meus olhos quase doem só de ver.

— Eu sei — o prefeito diz. — É uma beleza, não é?

Aponto o rifle pra ele, o rifle que peguei de Davy.

— Não esquece do nosso acordo — digo. — Você vai manter Viola em segurança e não vai me controlar com seu Ruído. Se obedecer, continua vivo. Essa é a única razão preu ter te soltado.

Os olhos dele brilham.

— Você entende que isso significa que não pode me perder de vista — ele diz. — Mesmo que tenha que me seguir até o banheiro. Você está pronto para isso, Todd?

— Tô — respondo, embora não esteja nem um pouco pronto, mas tento não pensar nisso.

— Tenho a sensação de que você vai se sair bem.

— Cala a boca — digo. — Eu já derrotei você uma vez, vou derrotar de novo.

Ele sorri.

— Disso eu não tenho dúvida.

— *OS HOMENS ESTÃO PRONTOS, SENHOR!* — o sr. Hammar grita de seu cavalo, com uma continência curta.

O prefeito não tira os olhos de mim.

— Os homens estão prontos, Todd — ele diz com voz provocadora. — E você?

— Só continua em frente.

E o sorriso dele fica ainda mais largo.

Ele vira pros homens.

— *Dois divisões vão pegar a estrada a oeste para o primeiro ataque!* — A voz dele serpenteia pela cabeça de todo mundo de novo, como um som que não dá pra ignorar. — *A divisão do capitão Hammar na frente e a do capitão*

Morgan na retaguarda! Os capitães Tate e O'Hare vão reunir o resto dos homens e os armamentos que vão chegar e se juntar à luta com a máxima rapidez.

Armamentos?, penso.

— *Se a luta já não tiver terminado a essa altura...*

Os homens riem disso, um riso nervoso e agressivo.

— *Então, como um só exército, vamos fazer os Spackle recuarem para o alto daquele morro e se arrependem de TEREM NASCIDO!*

E os homens comemoram aos berros.

— Senhor! — o capitão Hammar grita. — E o exército da Resposta?

— Primeiro vamos derrotar os Spackle — o prefeito diz. — Depois a Resposta vai ser brincadeira de criança.

Ele olha pro exército de homens dele e de novo pro alto do morro, pro exército de Spackle que ainda está em marcha. Então ergue o punho e dá o grito mais alto de todos no Ruído dele, um grito que penetra até o centro de cada homem ali.

— *À BATALHA!*

— *À BATALHA!* — o exército grita em resposta.

Os soldados partem num ritmo feroz pela praça, correndo na direção do morro em zigue-zague...

O prefeito olha pra mim uma última vez, como se estivesse segurando o riso por conta de toda a graça que vê na situação. E, sem dizer mais nada, ele esporeia Morpeth com força, e eles galopam até a praça atrás do exército que se pôs em marcha.

O exército a caminho da guerra.

Seguir?, Angharrad pergunta, o medo emanando dela como suor.

— Ele tem razão — digo. — Não podemos perder ele de vista. Ele tem que manter a palavra dele. Tem que vencer essa guerra. Tem que salvar ela.

Por ela, Angharrad pensa.

Por ela, também penso, com todo meu sentimento por trás.

E penso no nome dela.

Viola.

E Angharrad dispara na direção da batalha.

{VIOLA}

Todd, penso, cavalgando Bolota através da confusão de pessoas que enchiam a estrada, todas tentando escapar daqueles toques horrendos de trombeta de um lado e das bombas de mestra Coyle do outro.

BUM!, faz outra, e vejo uma bola de chamas subir para o céu. Os gritos à nossa volta são quase insuportáveis. Pessoas que sobem a estrada se emaranham com pessoas que *descem* a estrada, e todo mundo fica em nosso caminho.

No caminho para chegarmos primeiro à nave batedora.

A trombeta toca outra vez, e ouço ainda mais gritos.

— Precisamos ir, Bolota — digo entre suas orelhas. — O que quer que seja esse som, as pessoas em minha nave podem...

Alguém agarra meu braço e quase me arranca da sela.

— *Me dê o cavalo!* — grita um homem, me puxando com mais força. — *Me dê!*

Bolota gira para tentar escapar, mas há gente demais na estrada, aglomerada à nossa volta...

— Me solte! — grito para o homem.

— *Me dê o cavalo!* — berra ele. — *Os Spackle estão chegando!*

Isso me surpreende tanto que ele quase me tira da sela.

— Os o quê?

Mas ele não está escutando, e, mesmo sob a luz do crepúsculo, posso ver o branco de seus olhos brilhando de terror...

SEGURE!, grita o Ruído de Bolota. Eu agarro sua crina com mais força ainda e ele empina, empurrando o homem para longe e saltando à frente para a noite. As pessoas gritam para sair de nosso caminho, e derrubamos algumas delas enquanto Bolota segue com dificuldade pela estrada, e eu vou agarrada a ele para não cair.

Nós chegamos a uma clareira, e ele avança ainda mais depressa.

— Os *Spackle*? — pergunto. — O que ele quis dizer? Eles com certeza não podem estar...

Spackle, pensa Bolota. **Exército de Spackle. Guerra dos Spackle.**

Eu me viro para olhar para trás enquanto Bolota corre, viro para olhar para as luzes que descem a distante estrada em zigue-zague na encosta.

Um exército de Spackle.

Um exército de Spackle está chegando, também.

Todd?, penso, sabendo que a cada batida de cascos fico ainda mais longe dele e do prefeito amarrado.

Nossa melhor chance é a nave. Eles vão conseguir nos ajudar. *De algum modo*, eles vão conseguir ajudar a mim e a Todd.

Nós já paramos uma guerra, podemos parar outra.

Então penso em seu nome novamente, *Todd*, enviando força para ele. Bolota e eu subimos correndo a estrada na direção da Resposta, na direção da nave batedora, e torço muito para estar certa...

[TODD]

Angharrad corre atrás de Morpeth enquanto o exército segue pela estrada na nossa frente, derrubando brutalmente qualquer cidadão de Nova Prentiss-town que por acaso esteja no caminho. Tem dois batalhões, o primeiro liderado pelo sr. Hammar que tá gritando em cima do cavalo, e o segundo pelo sr. Morgan, que grita um pouco menos atrás dele. Devem ser uns quatrocentos homens no total, com os rifles erguidos e os rostos retorcidos em berros.

E o Ruído deles...

O Ruído deles é uma coisa monstruosa, sintonizada, junta e enroscada em torno dela mesma, **roncando** como uma única voz, como um gigante barulhento e raivoso caminhando pesadamente pela estrada.

Aquilo tá fazendo meu coração quase sair do peito.

— Fique perto de mim, Todd! — o prefeito grita do alto de Morpeth, chegando do meu lado enquanto avançamos a toda.

— Você não tem que se preocupar com isso — digo, agarrando meu rifle.

— Quer dizer, para salvar sua vida — ele diz, olhando pra mim. — E não se esqueça de sua parte no acordo. Eu odiaria que houvesse baixas devido a fogo amigo.

E pisca pra mim.

Viola, penso na direção dele, que nem um soco de Ruído.

Ele se encolhe.

E agora não está sorrindo mais tanto.

A gente vai atrás do exército pelo extremo oeste da cidade, seguindo a estrada principal, passando pelo que só podem ser os destroços das cadeias originais que a Resposta queimou em seu maior ataque até então. Eu só estive ali uma vez, quando vim correndo da outra direção com Viola nos braços, carregando ela pela estrada em zigue-zague quando ela estava morrendo, carregando ela pro que eu achava que fosse ser um lugar seguro, mas tudo o que encontrei foi o homem cavalgando ao meu lado, o homem que matou mil Spackle pra começar essa guerra, o homem que torturou Viola por uma informação que ele já sabia, o homem que assassinou o próprio filho...

— E que outro tipo de homem você queria que o liderasse em batalha? — ele pergunta, lendo meu Ruído. — Que outro tipo de homem é apropriado para a guerra?

Um monstro, penso, lembrando o que Ben me disse uma vez. *A guerra transforma homens em monstros.*

— Errado — o prefeito rebate. — Na verdade, é a guerra que nos transforma em homens. Até haver guerra, somos apenas crianças.

Outro toque da trombeta chega rugindo até a gente, tão alto que quase arranca nossas cabeças e faz o exército perder o ritmo por um ou dois segundos.

A gente olha pela estrada pro sopé do morro. Vê tochas de Spackle reunidas ali pra receber a gente.

— Pronto para virar homem, Todd? — o prefeito pergunta.

{VIOLA}

BUM!

Outra explosão logo à nossa frente lança detritos fumegantes bem alto, acima das árvores. Sinto tanto medo que me esqueço do estado de meus

tornozelos e tento esporear Bolota como tinha visto em vídeos em minha nave, mas a dor é tanta que me curvo para a frente. As ataduras que Lee — ainda por ali em algum lugar, tentando encontrar a Resposta no lugar errado, ah, por favor, esteja em segurança, *por favor*, esteja em segurança —, as ataduras que ele enrolou em meus pés são boas, mas os ossos ainda estão quebrados, e por um minuto a agonia arde por todo meu corpo até a queimação latejando na fita de metal em torno de meu antebraço outra vez. Eu arregalo a manga para ver. A pele ao redor da fita está vermelha e quente, a própria fita apenas um pedaço de metal fino, irremovível, impossível de cortar, me marcando com o número 1391 até o dia de minha morte.

Esse foi o preço que paguei.

O preço que paguei para encontrá-lo.

— E agora precisamos fazer com que valha a pena — digo para Bolota, cujo Ruído diz em resposta *memina potra* para concordar comigo.

O ar está se enchendo de fumaça e vejo labaredas ardendo à frente. As pessoas ainda estão passando correndo por nós em todas as direções, embora cada vez menos à medida que chegamos aos limites da cidade.

Se mestra Coyle e a Resposta tinham saído da Secretaria da Pergunta e marchado na direção do centro da cidade vindo do leste, então elas já teriam passado pelo morro onde ficava a torre de comunicação. Que é o local mais provável de pouso da nave batedora. Mestra Coyle devia ter feito a volta e pegado uma carroça rápida para chegar lá, para ser a primeira a falar com eles, mas quem teria deixado no comando?

Bolota segue em frente e vira uma curva na estrada...

E **BUM!**

Há um clarão de luz quando outro alojamento explode em chamas, iluminando a estrada por um segundo...

E eu os vejo...

A Resposta.

Fileiras de homens e mulheres, com *Rs* azuis no peito, às vezes até pintados no rosto.

E todos com armas em punho...

Diante de carroças carregadas de armamentos...

E, embora eu reconheça alguns deles (a mestra Lawson, Magnus, a mestra Nadari), é como se eu não os conhecesse. Eles parecem muito ferozes, muito focados, com medo e corajosos e comprometidos, e por um segundo puxo as rédeas de Bolota, assustada demais para seguir naquela direção.

O clarão da explosão se apaga, e eles desaparecem novamente na escuridão.

À frente?, pergunta Bolota.

Eu respiro fundo, me perguntando como eles vão reagir ao me ver, se vão sequer me ver, e não apenas me arrancar da sela no meio da confusão.

— Nós não temos escolha — digo, por fim.

Mas, justo quando ele se prepara para andar novamente, eu escuto da escuridão:

— Viola?

[TODD]

A estrada que sai da cidade chega numa clareira ampla, que dá no rio à direita, com a queda enorme da cachoeira e a estrada em zigue-zague que desce a encosta bem na nossa frente. O exército chega roncando na clareira, liderado pelo capitão Hammar, e apesar de eu só ter passado por ali uma vez, sei que tinha árvores ali antes, árvores e umas casinhas, então o prefeito deve ter mandado seus homens passarem esse tempo todo limpando aquela área, deixando ela pronta pra ser um campo de batalha...

Como se ele soubesse que aquilo ia acontecer...

Mas não consigo pensar sobre isso porque o sr. Hammar está gritando:

— ALTO!

E os homens param em formação e olham pro outro lado da clareira...

Porque ali estão...

As primeiras tropas do exército dos Spackle...

Espalhados pelo campo aberto, uma dezena, duas dezenas, dez dezenas deles, descendo o morro como um rio de sangue branco, com tochas bem no alto, arcos e flechas e umas coisas parecidas com bastões bran-

cos nas mãos, e tem soldados Spackle de infantaria em volta de outros Spackle montados em criaturas brancas enormes, largas como bois, mas mais altas e fortes, e com um chifre só, enorme, na ponta do focinho, e as criaturas estão cobertas com uma armadura pesada que parece feita de barro, e vejo que muitos dos soldados Spackle estão usando uma também, a pele branca coberta de barro...

E outra trombeta soa, tão alto que juro que meus ouvidos estão começando a sangrar, e dá pra ver a trombeta com nossos próprios olhos, agora, presa nas costas de duas daquelas criaturas com chifres no alto do morro, e sendo tocada por aquele Spackle enorme...

E, ah, meu Deus...

Ah, meu Deus...

O *Ruído* deles...

Ele chega descendo pelo morro desabalado que nem uma arma, percorrendo o terreno aberto como espuma num rio revolto, e está vindo bem na direção da gente, com imagens do exército deles nos cortando, imagens dos soldados da gente sendo rasgados em pedaços, imagens de feiura e horror que nunca daria nem pra descrever, imagens...

Imagens que os próprios soldados da gente estão mandando de volta pra eles, imagens que se erguem da massa de homens na minha frente, imagens de cabeças arrancadas, de balas rasgando Spackle em pedaços, de matança, de infinito infinito...

— Mantenha o foco, Todd — o prefeito diz. — Ou a batalha vai matá-lo. E, para ser sincero, estou muito curioso para saber que tipo de homem você vai se revelar ser.

A gente escuta o sr. Hammar gritar:

— FORMEM UMA LINHA!

E os soldados atrás dele começam a se espalhar.

— PRIMEIRA ONDA A POSTOS! — ele grita, e os homens param e erguem os rifles, prontos pra correr adiante ao comando dele enquanto a segunda onda se alinha logo atrás.

Os Spackle pararam também, formando uma linha igualmente longa no pé do morro. Uma criatura com chifre divide a linha deles no meio,

com um Spackle em pé em suas costas, atrás de uma coisa branca em forma de U que parece feita de osso, com a largura de um homem e montada numa plataforma na armadura da criatura.

— O que é aquilo? — pergunto ao prefeito.

Ele sorri.

— Acho que estamos prestes a descobrir.

— HOMENS A POSTOS! — o sr. Hammar grita.

— Fique na retaguarda comigo, Todd — o prefeito diz. — Mantenha-se fora do combate o máximo possível.

— É. Eu sei — digo, com uma sensação pesada em meu Ruído. — Você não gosta de sujar as mãos.

Ele encontra meu olhar.

— Ah, ainda teremos muitas oportunidades para sujar as mãos. Não se preocupe.

E então:

— ATACAR!!! — o sr. Hammar grita a plenos pulmões...

E a guerra começa.

Desde o início, a presença da humanidade no Novo Mundo foi marcada pela violência. A primeira guerra dos colonos disseminou o germe do Ruído pelo planeta, transformando o pensamento dos homens em um fluxo caótico de sons e imagens. No rastro da destruição, mulheres desapareceram e os Spackle, uma espécie nativa, foram dizimados. No entanto, as sementes dessa guerra germinaram em um conflito ainda maior, capaz de destruir o planeta e todos os seus habitantes. E Todd Hewitt e Viola Eade não têm para onde fugir.

Juntos, os dois percorreram as estradas do Novo Mundo, fizeram descobertas terríveis e vivenciaram atrocidades. Para salvar um ao outro, enfrentaram tiranos e terroristas. Mas nada disso se compara aos horrores que estão por vir.

Porque a guerra transforma homens em monstros. E, a partir de agora, cada decisão terá consequências brutais. Salvar a vida de alguém que amamos ou a de milhares de estranhos? Se aliar aos exércitos da Pergunta e da Resposta ou escutar uma terceira voz que surge clamando por vingança? O desejo de poucos ameaça prevalecer sobre as necessidades de muitos, e Todd e Viola questionam esse cenário enquanto avançam rumo a um desfecho imprevisível e dilacerante.

Homens e monstros é a conclusão memorável da trilogia *Mundo em caos*, que consagrou Patrick Ness como um dos maiores nomes da literatura jovem e foi publicada em mais de trinta países. Com uma narrativa única e visceral, a série cria um retrato impressionante das contradições humanas e explora os limites do poder, a luta pela sobrevivência e a força dos laços que criamos. A edição brasileira traz um conto extra que expande o universo da série.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1227/>